

A formação para o diálogo dos ministros ordenados: abordagem do magistério eclesial católico

Training for the dialogue of ordered ministers: approach to the Catholic ecclesiastical magistry

Éverton Aparecido da Silva¹

Resumo

Dialogar ajuda as pessoas a humanizar as relações e a superar as incompreensões. É um modo de ser cristão e ser Igreja. É importante para a Igreja abrir-se ao diálogo com quem possui posições confessionais, ideológicas ou pessoais discordantes. A pertinência do tema se apresenta porque ocorre até muita discursividade e pouca prática. A formação dos futuros presbíteros é um dever e um direito exclusivo da Igreja. A dificuldade de estabelecer contato com quem não possui a mesma confissão de fé que a sua é o próprio desafio lançado. A formação para o diálogo inter-religioso e ecumênico é imperativa, principalmente nos ambientes que formam os líderes religiosos de suas instituições. Este estudo se refere à formação presbiteral dos ministros ordenados da Igreja Católica Apostólica Romana. Procura-se verificar se o magistério eclesial católico fomenta, suficientemente, o diálogo com as pessoas e instituições religiosas. E ainda, se a formação presbiteral prevê em suas constituições tornar o futuro presbítero um ministro do diálogo. Eis, neste sentido, elementos importantes das dimensões humana, intelectual, espiritual e pastoral-missionária que auxiliam a compreensão e a urgente busca da formação para o diálogo dos futuros ministros ordenados. Afinal, o seminarista precisa fazer a passagem de uma teologia do diálogo para a prática do diálogo.

Palavras-chave

Formação. Diálogo. Ministro ordenado. Magistério católico.

Abstract

Dialogue helps people to humanize relationships and overcome misunderstandings. It is a way of being a Christian and being a Church. It is important for the Church to open itself to dialogue with those who have conflicting confessional, ideological or personal positions. The pertinence of the theme is presented because there is even a lot of discourse and little practice. The formation of future priests is an exclusive duty and right of the Church. The difficulty of establishing contact with those who do not have the same confession of faith as yours is the challenge itself. Training for interreligious and ecumenical dialogue is imperative, especially in the environments that form the religious leaders of their institutions. This study refers to the presbyteral formation of ordained ministers of the Catholic Apostolic Church. The aim is to verify whether the Catholic ecclesiastical magisterium sufficiently fosters dialogue with religious people and institutions. And yet, if the formation of priests in their constitutions makes the future priest a minister of dialogue. Here, in this sense, are important elements of the human, intellectual, spiritual and pastoral-missionary dimensions that help understanding and the urgent search for formation for the dialogue of future ordained ministers. After all, the seminarian needs to move from a theology of dialogue to the practice of dialogue.

Keywords

Formation. Dialogue. Ordained minister. Catholic magisterium.

¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Formação pela Faculdade Dehoniana (FD). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção (PFNSA). Licenciado em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração de Jesus (USC). Professor da Faculdade João Paulo II (FAJOPA). Contato: evertonaparecidodasilva@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O tema do diálogo é essencial nos dias atuais. O diálogo permite que as pessoas se conheçam e compreendam reciprocamente as suas exigências. Trata-se de um sinal de respeito porque coloca as pessoas em atitude de escuta, sem ignorar as diferenças. Dialogar ajuda as pessoas e suas instituições religiosas a humanizar as relações e a superar as incompreensões, a buscar a unidade que guarda e preserva a diferença e a liberdade, respeitadas em sua dignidade singular e única, o que influencia positivamente nas estruturas e doutrinas religiosas. Percebe-se que em toda a sociedade há muita necessidade de diálogo e ainda se pode afirmar que se resolveriam mais facilmente as questões se aprendesse a escutar mutuamente.

A pertinência do objeto de pesquisa se apresenta porque ocorre até muita discursividade e pouca prática. Há disciplinas que tratam desta temática nas faculdades, institutos, universidades de ensino dos seminaristas, mas nas casas de formação a teoria não é colocada em exercício. Em contrapartida, podem-se perder diversas experiências do diálogo na formação caso o assunto não seja tratado com o devido enfoque, tendo em vista a própria realidade familiar dos seminaristas marcada pela diversidade religiosa.

Este estudo, mais especificamente, se refere à formação presbiteral dos ministros ordenados, os presbíteros da Igreja católica. Procura-se verificar se o magistério eclesial católico promove e fomenta, suficientemente, o diálogo ecumênico e o inter-religioso com pessoas de outras religiões. E ainda, se a formação presbiteral prevê em suas constituições tornar o futuro presbítero um ministro do diálogo e da unidade diante do pluralismo religioso.

Os elementos apontados nos achados desta investigação vão ao encontro da questão levantada por esse estudo que permite acessar a experiência formativa do futuro presbítero. Contudo, é importante salientar que a análise não esgota a temática e nem pretende indicar que esses dados sejam uma verdade absoluta. O diálogo com a literatura da formação presbiteral e das orientações emanadas da Igreja católica aponta uma profícua reflexão que pode reverberar positivamente nas dinâmicas institucionais e, sobretudo, na própria formação presbiteral. Exploram-se os sinais do presente em vista de uma presença missionária dialogal dos padres num futuro recente.

A formação dos futuros padres é um dever e um direito exclusivo da Igreja, é tida como uma das tarefas de maior delicadeza e importância para a evangelização. A Igreja é responsável pela formação de seus ministros, instruindo-os e destinando-os à vida do ministério consagrado. Em diferentes períodos e contextos históricos, foi sempre um importante desafio para a instituição. Em cada tempo foram apresentando-se novas exigências, impondo à Igreja a capacidade de adaptação ao processo formativo, mobilizando bispos, presbíteros e leigos. O diálogo, como um tema tão central, torna-se uma exigência inevitável.

Não se pode deixar seduzir pela ideia, talvez muito mais cômoda, de que o caminho já esteja pronto. A pedagogia do processo, mais do que um recurso metodológico, é uma arte que precisa ser vivenciada. Trata-se de uma novidade sempre antiga, mas, ao mesmo tempo, tão

atual que permite tirar do tesouro coisas novas e velhas (Mt 13, 52). A coragem de renovação é garantia de futuro. Caso contrário, está condenado a repetir o passado, num presente que tornou antiquado. A perplexidade diante da realidade não deve condenar ao imobilismo, não pode ‘amarrar as mãos’. Antes, desafia a trilhar novos caminhos, muitos dos quais, aliás, já estão traçados em vários seminários.

As pistas pastorais são inumeráveis. Assinalam-se algumas como provocação teológica e pastoral para o leitor ir descobrindo outras mais. A viabilidade depende de muitas circunstâncias, de tal modo que umas são plausíveis num contexto, outras, em outro. Na verdadeira busca por uma vida de comunhão, recorda o *Documento de Aparecida* (233): “onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum”. Importa ter a mente e o coração abertos a fim de não interromper o processo de busca.

1 DIÁLOGO E IGREJA

O teólogo Elias Wolff, resgatando os grandes temas dos ensinamentos do papa Francisco, faz a seguinte afirmação: “dialogar é um modo de ser cristão e ser Igreja, configura a própria identidade humana e religiosa. Mais, diálogo é conteúdo da própria fé no Deus Trindade que tem natureza relacional na comunhão das pessoas divinas e que se relaciona com o mundo e com a história humana, tendo seu ápice na encarnação do Filho” (WOLFF, 2018, p. 07).

Fundamental para a Igreja abrir-se ao diálogo com aqueles e aquelas que possuem posições confessionais, ideológicas ou pessoais discordantes, porque ninguém consegue esgotar a verdade, a bondade e a beleza de Deus em suas formulações intelectuais pessoais ou institucionais. Não existe sistema teológico perfeito, nem cosmovisão cristã tão completa que não possa ser enriquecida. Aprende-se com o diálogo, inclusive com quem não têm a mesma fé que a sua, apesar de muitos sentirem dificuldade em estabelecer contato com alguém que não possui a mesma confissão de fé, ou não professa uma fé, ou ainda trafega por outros campos, como a ciência.

Aprofunda-se o empenho da Igreja em favor do diálogo, “sobretudo por causa da sua fé: a revelação faz-nos entrever no mistério trinitário uma vida de comunhão e de intercâmbio” (DM 22). A disposição dialogal na Igreja tem suas raízes teológicas bem claras, pois “nasce da iniciativa de Deus que entra em diálogo com a humanidade, e do exemplo de Jesus Cristo cuja vida, morte e ressurreição deram ao diálogo a sua última expressão” (DA 53). Embora possa ser exercido sob uma multiplicidade de formas, o diálogo é, antes de tudo, um espírito, uma atitude, um estilo de ação que deve permear todas as nossas atividades. Ele “implica atenção, respeito e acolhimento para com o outro, a quem se reconhece espaço para a sua identidade pessoal, para as suas expressões, os seus valores” (DM 29).

A identidade da Igreja é o anúncio do evangelho. Desta maneira, o diálogo é um desafio à evangelização. Contudo, “no diálogo o processo dinâmico da missão evangelizadora da Igreja

atinge seu ápice e sua plenitude” (DA 82). A tarefa missionária constitui-se inerente à natureza do cristianismo, ou seja, a missão está em sua vocação e dela não se pode abrir mão, sendo algo intrínseco à sua identidade. Sendo assim, no contexto plural, a missão que não dialoga não contribui com seu objetivo. O diálogo não se constitui em um obstáculo à ação missionária da Igreja, ao contrário, a enriquece e fortalece porque missão é diálogo, tem no diálogo, per si, um importante elemento. Um dos principais teólogos a pensar o diálogo inter-religioso, falecido em 2017, Geffré afirmou que “o diálogo já é uma forma essencial de missão” (GEFFRÉ, 2013, p. 299).

Os esforços empreendidos na necessidade de entrar em contato, em diálogo com o mundo ao redor, com todas as expressões de fé, até com quem não crê, e suas múltiplas demonstrações culturais, vem crescendo. A compreensão e a colaboração levam a desenvolver modos para que esse diálogo se torne realidade em todos os lugares, especialmente nas casas de formação sacerdotal, nos seminários.

O diálogo deve ser a atitude constante que rege todos os ministérios que compõem a Igreja, os ordenados e os não ordenados. O esforço missionário de toda a Igreja é um dever sagrado de todos e de cada um dos seus membros. Presbíteros e bispos são lideranças basilares nessa tarefa e muitos estão comprometidos nesse caminho eclesial. Porém, é comum ouvirmos queixas sobre a falta de esforço missionário no clero, sendo urgente uma formação mais focada no eixo pastoral-missionário, conforme sugere o *Documento de Aparecida*, observando as sombras na atual situação da Igreja com seus desafios: “falta espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação. Muitos católicos vivem e morrem sem assistência da Igreja, à qual pertencem pelo batismo” (DAp 100).

As *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil* também recordam esta permanente realidade ao explicitar os fundamentos e finalidades das dimensões da formação, referindo-se à formação pastoral-missionária: “a Igreja acolhe o dom da vocação vinda do Senhor, discerne o chamado à luz do Espírito Santo e forma os discípulos-missionários, a fim de enviá-los à urgente e inadiável missão de evangelizar (Jo 20,21; DAp 194)” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 146). E mais adiante afirma:

As experiências pastorais estejam abertas ao diálogo e cooperação com projetos de evangelização desenvolvidos por outras igrejas e comunidades eclesiais, que se encontram na mesma região onde atua o seminarista. Desse modo, ele pode estabelecer uma correta relação entre diálogo e missão, diálogo e anúncio, como exige o atual contexto religioso plural e como orienta o Magistério da Igreja (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 149).

O seminário deve oferecer uma variedade de experiências pastorais de forma orgânica e de acordo com os níveis de cada formando. O enfoque missionário e, por consequência, dialogal deve constituir a tônica especial que perpassa todas as atividades e formas de pastorais

A formação para o diálogo dos ministros ordenados

desenvolvidas no seu interior, levando a cabo o convite da Conferência de Aparecida (2007) em se empenhar numa Igreja em estado permanente de missão, deixando para trás práticas, costumes e estruturas que, por corresponderem a outros momentos históricos, atualmente já não favorecem a transmissão da fé. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos, é justamente a missionariedade. Fomentar o espírito missionário por meio do diálogo é fundamental para dar ao formando o *sentire cum ecclesia* tão importante hoje. A nova *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* (121), estabeleceu:

pelo fato de os não praticantes, os não crentes e aqueles que professam uma outra religião serem também destinatários do cuidado pastoral, os seminaristas são chamados a aprender a colocar-se em diálogo e a anunciar o Evangelho de Cristo a todos os homens, compreendendo as suas expectativas mais profundas e respeitando a liberdade de cada um.

Os presbíteros não são preparados nos seminários para esse tipo de diálogo. Os membros da comunidade não recebem ensino regular sobre o assunto. Como decorrência, mantém-se um conhecimento insignificante um do outro ou, na pior das hipóteses, o modelo de conflito é alimentado. A dificuldade de estabelecer contato com quem não possui a mesma confissão de fé que a sua é o próprio desafio lançado. Cada qual precisa se deslocar em direção ao outro em uma postura de real interesse em ouvi-lo, entendê-lo e aprender como Deus está trabalhando naquela dimensão da realidade. Não se tem exclusividade da revelação, o outro me ajuda a ver o que eu não via.

A formação para o diálogo inter-religioso e ecumênico é imperativa, principalmente nos ambientes que formam os líderes religiosos de suas instituições. Os documentos abordados nesse processo oferecem as bases de uma formação ao presbiterato unitária e integrada. A meta da formação, bem como das etapas definidas como inicial e permanente, acontecem enquanto discipulado, na perspectiva da configuração a Cristo. Todavia, salienta Wolff,

nesse contexto não poucos adotam atitudes que vão do fechamento e intolerância ao indiferentismo e ao relativismo (...) e mesmo que as lideranças eclesíásticas emitam orientações de caráter exortativo e doutrinal a favor do diálogo, ele é poucas vezes e em poucos ambientes uma realidade de fato (WOLFF, 2004, p. 5-6).

Todas as formas de diálogo são expressão da grande exigência de amor de Deus, que vai ao encontro de todos e em cada um planta uma semente da sua bondade, para que possa colaborar com a sua obra criadora. O diálogo abate os muros das divisões e das incompreensões, cria pontes de comunicação e não permite que ninguém se isole, fechando-se no seu pequeno mundo. O exercício do diálogo, no modo mais amplo e profundo possível, estabelece relações com as pessoas, a sociedade, as diferentes Igrejas, as religiões e as culturas dos povos.

Há urgência de formação que coloque a missão dialogal no coração dos presbíteros. Estudos e práticas pastorais ecumênicas ou interreligiosas podem contribuir para ser o princípio unificador de todo o processo formativo.

2 AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO

A vocação é um dom de Deus, mediado pela Igreja, num processo de formação que exige resposta pessoal. O tempo de formação inicial de discernimento e acompanhamento vocacional deve ser permeado, animado e sustentado pelo espírito de uma resposta livre e consciente de adesão e envolvimento do formando na sua integralidade com Jesus Cristo, que chama à intimidade de vida com ele e à partilha de sua missão de salvação.

Para que isto aconteça, o itinerário de vida do futuro sacerdote deve buscar metas irrenunciáveis as quais correspondem às exigências essenciais da identidade e missão dos presbíteros, ainda mais importante na atualidade, e que se apreendem nas diversas dimensões da formação: humana, intelectual, espiritual e pastoral. Essa formação deve ser permanente para construir um único caminho orgânico de vida cristã e sacerdotal.

Essas quatro extensões da formação foram indicadas na exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* do papa João Paulo II em 1992 e renovadas na nova *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* do papa Francisco em 2016. O episcopado brasileiro nas *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil* de 2010, aprovado *ad tempus*, fala em cinco dimensões antropológico-teológicas da formação, acrescentando a formação comunitária como uma dimensão à parte, porém integradora das demais. Aqui vamos adotar o caminho estabelecido pela *Pastores dabo vobis* que foi o escolhido pela nova *Ratio fundamentalis institutionis* (113) do Brasil de 2019.

A vida em comunidade no seminário é o local mais adequado para interação destas dimensões, harmonizando-as e integrando-as reciprocamente. A nova *Ratio fundamentalis institutionis* (90) também salienta: “o húmus da vocação ao ministério sacerdotal é a comunidade, porquanto é dela que o seminarista provém, para lhe ser de novo enviado a servi-la, depois da ordenação. [...] Esta se configura como fio condutor que harmoniza e une as quatro dimensões formativas” (RF 90).

Cada uma das dimensões formativas interage simultaneamente no processo formativo e na vida dos ministros ordenados como exigência essencial do ministério. Também está dirigida à transformação ou assimilação do coração do formando à imagem do próprio coração de Cristo em um projeto pessoal de vida sólido. “Cada exercício formativo que atua sobre uma das dimensões afeta necessariamente todo o conjunto do processo de formação, que somente produzirá bons frutos se concebido e realizado em sua vital e profunda integralidade” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 117). É necessário que a formação ao sacerdócio ofereça os meios adequados para facilitar o seu amadurecimento, com vista a um exercício autêntico do ministério presbiteral.

A formação para o diálogo dos ministros ordenados

Tudo isso para dispor os seminaristas “para comungar da caridade de Cristo, bom pastor” (DV 57), ser pastor à imagem de Cristo, ter os mesmos sentimentos de Cristo bom pastor. Nesse ínterim, ensinam os bispos do Brasil que toda a preparação teórica do seminarista necessita favorecer a educação do coração de pastor. A Filosofia e a Teologia devem ter “claro direcionamento pastoral e missionário” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 147). A própria Teologia possui disciplinas que favorecem a preparação teórica, como a Teologia Pastoral Prática, que é uma reflexão científica sobre a Igreja no seu edificar-se cotidiano, com a força do Espírito, dentro da história. E nela se estuda ecumenismo, diálogo inter-religioso, missiologia, entre outras. Já a Filosofia se direciona para a pastoral no momento em que procura compreender o espírito do tempo no qual se insere o homem e a mulher de hoje.

Eis, a seguir, elementos importantes dessas dimensões que auxiliam a compreensão e a urgente busca da formação para o diálogo dos futuros ministros ordenados.

2.1 Dimensão humana

A formação humana constitui um meio indispensável para a evangelização, na medida em que o anúncio do Evangelho passa pela pessoa e é mediado por sua humanidade. A nova *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* (94) assegura: “a formação humana, fundamento de toda a formação sacerdotal, promovendo o crescimento integral da pessoa, permite forjar a partir de tal crescimento a totalidade das dimensões”.

Para que isto aconteça, requer um acompanhamento específico e um clima de confiança entre formadores e formandos, que favoreça a transparência para se conhecer e se resolver as dificuldades encontradas no processo de amadurecimento psicológico do seminarista. Nos seminários é importante fomentar as equipes de vida, como outras formas de integração comunitária, que favoreçam o amadurecimento para a solidariedade, a capacidade para dar e receber, a correção fraterna, e que seja estímulo para superar o individualismo e o isolamento.

Nas *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, entre os objetivos específicos a serem alcançados, a partir do tema proposto, com determinação e persistência na formação humano-afetiva, destacam-se:

crescer na aceitação e no acolhimento do outro; saber intuir as dificuldades dos outros e desenvolver as atitudes de cooperação, diálogo e respeito; saber fazer-se igual; [...] colaborar e trabalhar em equipe para que, quando presbítero, exerça uma liderança que, sem autoritarismo, favoreça a missão da Igreja e o crescimento do Reino de Deus; [...] exercitar o diálogo, a grande força geradora da comunhão e da estabilidade psicológica, aperfeiçoando assim a convivência humana pela dinâmica da escuta-resposta e estreitando os laços de solidariedade, estima e amizade (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 120-121).

Veiculando isso com a questão do diálogo na formação dos seminaristas, pelo amor à Igreja, o formando deve então estar disponível ao serviço que ela lhe designar. É um apelo permanente à missão, a ter claro que se consagra para a missão de Deus, para servir a Igreja e não para atender às necessidades pessoais. Desta maneira, conseguirá dialogar, livre e conscientemente, com a realidade e as pessoas que encontrar em seu cotidiano, sendo cristãos ou não, pertencentes à mesma comunidade de fé ou a outra. É, pois, a vida da comunidade formativa que deve preparar o formando para uma vida sacerdotal sustentada pelo exercício do diálogo, pelo respeito às diferenças e pelo trabalho em equipe.

Urge salientar que é a sociedade do novo milênio, com todas as suas características e inquietudes próprias, fragmentada em seus valores, favorecedora ou dificultadora da verdadeira adesão às importâncias evangélicas, diversa daquela predominante no passado, que tem gerado os seminaristas hoje, sendo filhos do seu tempo e cultura. E é a esse rebanho que o Senhor envia os seus novos operários. Nesse sentido, um verdadeiro ponto de partida, estímulo e encorajamento que deve ser cultivado nos seminários é aquele desejo de Deus, o sonho da fraternidade, o desejo real de desenvolver as capacidades de que são dotados para oferecerem ao mundo algo distinto e construtivo, o desejo profundo de uma vida diferente.

João Paulo II, discorrendo acerca dos jovens perante a vocação e a formação sacerdotal, lembra:

“Todavia não faltam situações e estímulos positivos, que suscitam e alimentam no coração dos adolescentes e dos jovens uma nova disponibilidade, isto é, uma procura verdadeira e própria de valores éticos e espirituais que, pela sua natureza, oferecem o terreno propício para um itinerário vocacional em vista do dom total de si a Cristo e à Igreja no sacerdócio [...]. Deve reconhecer-se, além disso, que os jovens de hoje, com a força e a pujança típicas da idade, são portadores dos ideais que fazem caminho na história: a sede da liberdade, o reconhecimento do valor incomensurável da pessoa, a necessidade da autenticidade e da transparência, um novo conceito e estilo de reciprocidade nas relações entre homem e mulher, a procura sincera e apaixonada de um mundo mais justo, solidário e unido, a abertura e o diálogo com todos, o empenho a favor da paz (DV 09).

O Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo, ao apresentar a formação dos que cooperam no ministério pastoral, ministros ordenados, discursa: “entre os principais deveres de qualquer futuro ministro ordenado, sobressai o de formar a sua personalidade de modo que, na medida do possível, possa servir à sua missão de ajudar os outros a encontrar Cristo” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2004, p. 70). De tal modo, o seminarista precisa aperfeiçoar os valores humanos, em especial sua capacidade de diálogo, a fim de contrair um estilo de ser ecumênico.

A construção de uma personalidade equilibrada não abre possibilidades para se temer o diálogo com o diferente, com o novo, com outras tradições religiosas, mesmo que o ser humano seja, de acordo com a antropologia da vocação cristã, um ser a caminho, alguém que experimenta a todo instante o contraste entre a limitação do seu eu atual, a existência concreta

A formação para o diálogo dos ministros ordenados

da pessoa, e, a abertura ao infinito do seu eu ideal, aquele formado pelos valores extraídos do dado revelado da fé e do chamado que Deus faz a uma determinada vocação. Desenvolver atitudes de colaboração, respeito, compreensão, compromisso e diálogo para com membros de religiões diferentes da sua, por exemplo, é sinal claro de uma madura personalidade. “Tal diálogo é a norma e o estilo necessários de toda a missão cristã e de cada uma das suas partes, quer se trate das simples presença e testemunho, ou do serviço, ou do próprio anúncio direto” (DM 29).

O ser humano vive a luta interna entre os valores e as necessidades, limites. Ontologicamente é feito para a liberdade e chamado a autotranscender-se, historicamente encontra-se condicionado, bloqueado nessa liberdade, tentando sempre a fechar-se em si mesmo. Isso é desafiador! Nessa ótica, um projeto formativo ecumênico e inter-religioso se torna, antes de tudo, um projeto de formação para a liberdade e para o amor transcendente com Deus, tendo em vista que a história de toda vocação é um diálogo entre o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que responde no amor a Deus. É nesse terreno que Deus faz crescer a graça da vocação cristã no homem. Pois, como instrui Franco Imoda:

Toda abordagem que tenda a privilegiar o papel do sujeito livre ou, alternativamente, o do ambiente, colocando entre parênteses a exigência, para o desenvolvimento, da mudança e de um verdadeiro encontro entre sujeito e ambiente, corre o risco de transformar-se em uma pedagogia de abandono a si mesmo lá onde poderia ter necessidade de uma assistência e de uma presença. No segundo caso, a apresentação de uma exigência poderia acabar extrínseca, imposta e suportada, ao invés de interiorizada (IMODA, 1996, p. 538).

O futuro presbítero procurará desenvolver uma equilibrada e madura capacidade de relacionar-se com o próximo, uma vez que “ele é chamado, antes de mais nada, àquela serenidade de fundo, humana e espiritual, que, superada toda a forma de protagonismo ou dependência afetiva, lhe permite ser o homem da comunhão, da missão e do diálogo, capaz de consumir-se com generosidade e sacrifício pelo povo de Deus” (RF 41).

Isso significa que os seminaristas não carecem eliminar essa tensão existente, mas aprender a conviver com ela de forma mais consciente, livre e serena. O processo educativo é a integração: descobrir as marcas de Deus presentes na sua própria história, suas experiências, vivências, sentimentos, dúvidas, seu mundo afetivo e levar tudo isso à dimensão intelectual da fé, sem reduzir o conhecimento de Deus a um mero exercício intelectual e abstrato.

É preciso um passo de discernimento das motivações vocacionais que fizeram com que o jovem optasse pela vocação presbiteral, pois muitas vezes o candidato não conhece ainda totalmente as suas verdadeiras motivações, direcionadas a esta ou aquela vocação. E porque não conhece, não está em condições de assumi-la autêntica e conscientemente. Quanto mais ele se conhece, mais optará por valores autotranscendentes, como o amor, a paz, o diálogo, e mais se

realizará e dará sentido à sua vida, potencializando todas as dimensões do ser humano para contribuírem ao desenvolvimento da sua vocação.

O seminarista torna-se capaz de se autodeterminar e de viver a responsabilidade também através do conhecimento da própria fraqueza, sempre presente na sua personalidade. Os formadores, os confessores, os diretores espirituais e os próprios seminaristas devem estar conscientes de que os momentos de crise, [...] podem e devem ser ocasião de conversão e de renovação, levando a pessoa a perguntar-se criticamente sobre o caminho percorrido, sobre a própria condição atual, sobre as próprias escolhas e sobre o próprio futuro (RF 96).

Ensinar a assumir e a conviver com as suas inconsistências é um dos fins principais da dimensão humana da formação, auxiliá-lo a simplesmente ser humano. E essa humanidade deve ser levada nas suas relações com os membros das outras igrejas e com a sociedade de modo geral. Elias Wolff chama a atenção para as consequências positivas dessa humanização:

As igrejas e as religiões sentem-se enriquecidas com o amadurecimento humano-afetivo dos seus ministros. Supera-se, assim, todo tipo de legalismo religioso, fazendo das igrejas e religiões espaços afetivos de acolhida, solidariedade, compromisso e comunhão. E na medida em que isso acontece, beneficiam-se não apenas os membros das igrejas e das religiões, mas melhoram também as relações no meio social em que eles se encontram. Explicita-se, assim, a contribuição positiva do diálogo ecumênico e inter-religioso na dimensão humano-afetiva da vida das pessoas e dos grupos [...] e isso precisa ser desenvolvido na dimensão humano-afetiva da formação dos agentes de pastoral na Igreja, particularmente dos ministros ordenados (WOLFF, 2004, p. 52).

Se ainda não trilham esse caminho, as casas de formação sacerdotal precisam se posicionar com urgência nesse propósito, uma vez que vocação é sempre um encontro, uma relação interpessoal, uma relação dialógica de acolhida, solidariedade, compromisso e comunhão que permanece durante todo percurso da vida, se identifica com a história de cada um e se entrelaça com as diversas circunstâncias que se sucedem no percurso da existência humana, e culmina no amadurecimento pessoal.

2.2 Dimensão intelectual

A formação intelectual dos jovens que aspiram ao sacerdócio tem em vista oferecer sólidos fundamentos doutrinários, que capacitem o sacerdote para anunciar com competência o Evangelho e para responder aos grandes desafios que lhe apresenta o mundo atual. Por essa razão é necessário que os estudos do seminário e dos centros de formação religiosa tenham como objetivo oferecer bases firmes, a partir da revelação e do magistério da Igreja, que devem ser acolhidos com a obediência da fé, de tal maneira que os presbíteros quando ordenados possam imediatamente possuir critérios seguros na pregação e na ação evangelizadora.

A formação para o diálogo dos ministros ordenados

Nesse sentido, é necessário que os candidatos ao sacerdócio “saibam buscar, à luz da revelação, a solução dos problemas humanos, aplicar as verdades eternas à condição mutável das coisas humanas e anunciá-las de modo conveniente aos homens seus contemporâneos” (OP 16). Com isso, o decreto sobre a formação sacerdotal nos mostra que para a abertura da Igreja ao diálogo com o mundo contemporâneo, é necessário que os presbíteros saibam dar as respostas necessárias às diferenças que lhes são postas, respostas estas que unidas ao testemunho de vida, fazem com que o anúncio do Evangelho ganhe sempre mais credibilidade, e o serviço pastoral seja fecundo, este mesmo serviço que é o fim almejado pelo itinerário formativo dos seminários.

A nova *Ratio fundamentalis institutionis* (168), sobre o percurso da formação intelectual, narra:

desde o início da formação teológica, seja apresentada de modo idôneo a doutrina sobre as fontes teológicas e a teologia fundamental; não se omita, no espírito ecumênico e nas formas adaptadas às circunstâncias hodiernas, tudo o que diz respeito à introdução à fé, com os seus fundamentos racionais e existenciais, tendo também presentes os elementos de ordem histórica e sociológica que exercem particular influxo sobre a vida cristã (RF 168).

A seguir, faz a seguinte consideração: “da mesma maneira, considerem-se como partes integrantes do percurso dos estudos teológicos outras disciplinas, como o ecumenismo e a história das religiões, e, em especial aquelas mais difundidas em cada país” (RF 175).

Quanto à formação filosófica, nas *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, apresenta-se como caminho:

Os alunos, tendo apreendido corretamente o caráter de nosso tempo, preparem-se convenientemente para o diálogo com os homens de hoje (RFIS. 71). A solidez na formação filosófica é necessária face ao difuso “pluralismo de ordem cultural e religiosa, propagado fortemente por uma cultura globalizada, acaba por erigir o individualismo como característica dominante da atual sociedade, responsável pelo relativismo ético e pela crise da família” (DAp 479) (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 163).

Como visto, merece especial atenção, para conseguir dar as razões da fé no atual contexto, a formação acadêmica dos futuros presbíteros. Nesse argumento, uma contemporânea preocupação que precisa ser instaurada como urgência e foco dos institutos e faculdades teológicas católicas é a formação ecumênica dos ministros ordenados, e dada a emergência do pluralismo religioso, é imperativo um estudo que considere a especificidade do diálogo inter-religioso, ou seja, a teologia das religiões.

A formação cristã é necessária em todos os níveis e em todos os momentos da vida. Assegurar a dimensão ecumênica nos diferentes tipos de formação é indispensável pensar no modo, já que as relações ecumênicas implicam, ao mesmo tempo, “o estudo e o diálogo teológico, os contatos e as relações fraternas, a oração e a colaboração prática. Somos chamados

a atuar em todos esses campos. Limitar-se a um deles e abandonar os outros não nos levaria a resultado algum” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 1998, p. 15). Aqueles que são os responsáveis pela animação de tal formação precisam ter recebido uma formação ecumênica densa, principalmente os sacerdotes.

Os planos de estudos devem dar uma dimensão ecumênica a cada disciplina teológica e um curso específico de ecumenismo. Os elementos-chaves para assegurar a dimensão ecumênica de cada disciplina são: a hermenêutica (meio de reflexão ecumênica necessário aos estudantes para que aprendam a distinguir entre o depósito da fé e o modo como as verdades de fé são formuladas (UUS 38, 81), que ajuda a determinar se diferentes formulações teológicas são complementares em vez de contraditórias, pois isso auxilia a criar uma linguagem ecumênica comum); a hierarquia das verdades – critério que os católicos devem seguir quando expõem ou comparam doutrinas (UR 11); e os frutos dos diálogos ecumênicos (devem ser apresentados de maneira geral e cada responsável pelo ensino deve avaliar atentamente todos os resultados que se relacionam com a matéria de sua competência).

Já a metodologia ecumênica para as disciplinas teológicas comporta a seguinte apresentação: elementos que todos os cristãos têm em comum (comunhão real já existente entre os cristãos, como por exemplo, respeito à Palavra viva de Deus, profissão de fé em Deus trinitário e a ação redentora de Cristo); pontos de desacordo (discernir claramente os pontos em que existe desacordo real em vez de aparente e examinar esses pontos no ensino das diversas disciplinas (UUS 36-39)); o resultado dos diálogos ecumênicos (devem ser objeto de explicação aprofundada e tidos em conta no ensino das matérias a que se referem (UUS 81)).

Quanto ao ensino especificamente ecumênico, o *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo* não se restringe a assegurar que “este curso deve mesmo tornar-se obrigatório” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2004, p. 76). Um teste de avaliação deveria permitir o julgamento dos conhecimentos dos estudantes sobre o conteúdo doutrinal desse curso. Deveria também ser acompanhado de uma experiência ecumênica concreta.

O diretório ainda fornece orientações sobre os conteúdos: de uma introdução geral ao ecumenismo (o engajamento ecumênico da Igreja católica, a função fundamental do diálogo teológico, e alguns temas ecumênicos correntes) e argumentos que devem ser tratados de modo particular (os fundamentos bíblicos do ecumenismo, catolicidade no tempo e no espaço, fundamentos doutrinários do ecumenismo, história do ecumenismo, finalidade e metodologia do ecumenismo, ecumenismo espiritual, as outras igrejas e comunidades eclesiais, principais campos em que o ecumenismo deve progredir, questões ecumênicas específicas, ecumenismo e missão, e o ecumenismo diante dos desafios contemporâneos) (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2004).

Em muitas instituições acadêmicas, até há a disciplina de ecumenismo, porém com carga horária reduzida e professores não especialistas, por isso também é exigente a renovação

de método de ensino, o empenho por parte dos docentes e sua formação estrita, a fim de ajudar a crescer o espírito ecumênico.

Vale ressaltar que

a reflexão teológica exige uma opção metodológica que seja condizente com o seu objeto/conteúdo e a sua finalidade. Quando isso se explicita, verifica-se uma conaturalidade entre diálogo ecumênico/inter-religioso e teologia, e isso fundamenta e legitima o ato do diálogo como um ato teológico. De outro lado, sem a dimensão dialógica, o ato teológico apresenta deficiências tanto na percepção do objeto/conteúdo quanto no método. A razão é que teologia e diálogo tendem ambos à comunhão, e quando um destes falta em relação a esse fim, as carências que um apresenta influenciam também no outro (WOLFF, 2004, p. 60).

O diretório ecumênico orienta, entre as tarefas de uma comissão diocesana para o ecumenismo, que se conceda ajuda e apoio à formação ecumênica do clero “para a correta aplicação da dimensão ecumênica em todos os aspectos da vida, atendendo em especial à formação como os seminaristas estão sendo preparados para dar uma dimensão ecumênica à pregação, à catequese e a outras formas de ensino e às atividades pastorais” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2004, p. 43).

A formação ecumênica determina um conhecimento clarificado dos objetivos, métodos e finalidades do diálogo intereclesial e inter-religioso. Isso supõe, de acordo com Elias Wolff, “conhecimento aprofundado da própria tradição religiosa e da tradição do interlocutor. Trata-se de refletir sobre a teologia do diálogo como orientação da prática do diálogo” (WOLFF, 2004, p. 57). A seguir, uma vez que as orientações do magistério da Igreja católica são claras quanto a princípios, objetivos e métodos do diálogo, bem como conteúdos a serem estudados, Wolff estabelece que:

O desafio central para a formação para o diálogo ecumênico/inter-religioso consiste em aplicar as orientações do magistério sobre o diálogo na reflexão teológica, de modo a articular as três dimensões que dizem respeito ao seu objeto/conteúdo e método. Afinal, “importa muito que os futuros pastores e sacerdotes estudem a teologia bem elaborada deste modo e não polemicamente” (UR 10) (WOLFF, 2004, p. 61).

Conceitos, dimensões e fundamentos teóricos são importantes, porém não suficientes. Necessária é também a prática. Dessa forma, o diretório para o ecumenismo sugere que:

Durante o período de formação, para que a abordagem do ecumenismo não seja desligada da vida, mas antes enraizada na experiência viva das comunidades, é aconselhável organizar encontros e diálogos com outros cristãos, observando as normas da Igreja católica, tanto a nível universal como particular, e convidando representantes das outras comunidades que possuam a preparação profissional e religiosa e o espírito ecumênico necessários a um diálogo sincero e construtivo (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, 2004, p. 79).

O melhor caminho a ser percorrido é integrar a formação teórica do diálogo com a experiência prática do diálogo.

2.3 Dimensão espiritual

É importante para a formação espiritual do candidato ao sacerdócio que se imprima nele, desde o início de seu caminho formativo, a clara consciência de que é ele mesmo o principal, mas não único, agente responsável por sua formação presbiteral. A finalidade de tal processo consiste em conseguir abrir-se à ação do Espírito Santo para se chegar a uma adesão plena à pessoa de Jesus Cristo de tal modo a conformar-se com seus pensamentos, palavras e ações.

É uma exigência, nesse contexto, porque brota como resposta à Palavra de Deus, a educação para atitudes ecumênicas. Jesus orou pela unidade de seus discípulos (Jo 17,21). O Concílio Vaticano II, no decreto *Unitatis redintegratio* (8), ensina que “a oração é a alma de todo movimento ecumênico”. A espiritualidade cristã possui uma importante dimensão ecumênica, que carece ser cultivada na formação presbiteral. Nas *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil* se expressa:

Como os presbíteros têm uma particular responsabilidade na missão de unir o povo de Deus no corpo de Cristo, sua Igreja, é fundamental que, em comunhão com o Evangelho e o magistério eclesial, ele desenvolva a dimensão ecumênica da sua espiritualidade, orando continuamente e orientando a oração pela unidade dos cristãos (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 143).

Tudo que acima foi descrito é o autêntico pano de fundo, a base fundamental para que o candidato ao ministério ordenado na sua vida espiritual possa dialogar com aqueles que professam uma fé diferente da sua. Atualmente muitos possuem uma realidade pluralmente religiosa em suas famílias, mas não são formados para lidar com esta situação em casa e nem no serviço pastoral, a não ser um fechamento em si mesmo, um combate ao erro do outro com exclusão total do diálogo e da busca de caminhos comuns. O que prevalece não é a procura da unidade, do diálogo, mas sim da divisão. Ora, aquele que realmente vive a espiritualidade cristã não pode prescindir desse caminho ecumênico ou inter-religioso.

Por mais que o jovem vocacionado deva viver uma espiritualidade cristã, “não pode deixar de considerar o fato de que na experiência do Transcendente existem outros sistemas religiosos que apresentam outras espiritualidades, místicas próprias, também significativas para expressar a relação das pessoas com o Totalmente Outro” (WOLFF, 2004, p. 55).

No coração do seminarista, plasmado pela ação do Espírito, gradualmente deve se manifestar e se consolidar o desejo de oferecer, com generosidade, a própria vida no exercício da caridade pastoral, no serviço ao povo, na disponibilidade missionária para servir a Igreja em

A formação para o diálogo dos ministros ordenados

sua realidade local e em seu horizonte sem fronteiras. Nesse contexto, vai se deparar com variadas tradições religiosas e necessitará colocar em prática o diálogo. Elias Wolff recorda que:

Este espírito de fé não se constrói apenas pela especulação teológica. Exige a prática da oração e de uma espiritualidade consistentes. Estando fé e ecumenismo intrinsecamente unidos, na medida em que a teologia vai explicitando a ecumenicidade da fé cristã, vai também abrindo espaços para uma espiritualidade que dê significado existencial à formação teórica sobre o ecumenismo. Trata-se de uma espiritualidade ecumênica, que mesmo se enraizada em determinada tradição eclesial tem, contudo, como fonte primeira o Evangelho e a oração do próprio Jesus a favor da unidade (Jo 17) (WOLFF, 2004, p. 32).

Só consegue valorizar a experiência religiosa do outro quem tem uma vida de encontro profundo com Deus. O fundamental é a comunhão com o divino e não com suas mediações. O outro pode cooperar para a nossa edificação. Por isso, “este tipo de diálogo torna-se enriquecimento recíproco e cooperação fecunda, na promoção e preservação dos valores e dos ideais espirituais mais altos do homem” (DM 35). Esse é um doloroso caminho a ser vencido na vida espiritual dos presbíteros e dos candidatos ao sacerdócio.

2.4 Dimensão pastoral

A formação pastoral, ou atualmente chamada de missionária, é uma das dimensões fundamentais dos candidatos ao sacerdócio, a qual deve se irradiar a todos os campos e atividades da vida do seminário. O decreto do Concílio Vaticano II *Optatum totius* sobre a formação sacerdotal (4), afirma que a educação dos alunos deve preparar para o ministério de pastores, toda a formação deve estar adaptada de forma coerente ao fim pastoral:

para que saibam representar aos homens Cristo que não “veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos” (Mc 10,45; cf. Jo 13,12-17) [...]. Por isso, todos os aspectos da formação, espiritual, intelectual e disciplinar, sejam ordenados de forma harmônica para este fim pastoral, e todos os Superiores e professores, fielmente obedientes à autoridade do Bispo, se dêem à consecução deste fim, numa ação diligente e concorde.

É neste sentido que a teologia é pastoral: entendida como Palavra de salvação, Palavra de Deus para a vida do mundo. Verdades da fé numa aplicação prática. Um pouco mais adiante, o mesmo decreto (19) expõe: “cultivem-se, em geral, nos alunos as convenientes aptidões que mais concorrem para o diálogo com os homens, como é a capacidade de ouvir os outros e de abrir a alma em espírito de caridade nas várias circunstâncias das relações humanas”.

A formação do seminarista deve implicar o estudo da pastoral como uma verdadeira disciplina teológica. O diálogo ecumênico e inter-religioso deve fazer parte desta formação com o intuito de ajudá-lo a tomar atitudes pastorais de diálogo. Também é importante incluir nesta o estudo da situação sociocultural e sua progressiva evolução nos últimos anos para poder partir

de uma realidade situada e capturar assim as aspirações dos contemporâneos e as novas oportunidades e exigências da evangelização, como é a situação das divisões religiosas. A experiência enriquece neste processo de confronto.

Os seminaristas devem ser formados para a solidariedade com os pobres, procurando que esta não fique somente no plano teórico ou meramente emotivo, sem uma verdadeira incidência nos seus comportamentos e nas suas decisões. No pobre não se deve notar a distinção da profissão de fé, ele precisa ser atendido em suas necessidades, é humano, como todos os outros seres humanos que professam a mesma fé que a minha. Um modo de agir não pode ser causa de divisão entre as pessoas na sociedade. As atitudes devem favorecer o diálogo.

O objetivo pastoral assegura à formação humana, espiritual e intelectual determinados conteúdos e características específicas, da mesma forma que unifica e caracteriza a inteira formação dos futuros sacerdotes. De igual modo a formação pastoral há de ter muito em conta a exigência permanente da ação missionária da Igreja. Esse foi o maior compromisso assumido pela Igreja em Aparecida, que convida todos, ministros ordenados e não ordenados, a buscar o Senhor e, a partir de um encontro pessoal com ele, participar como discípulos e missionários no cumprimento da sua tarefa fundamental.

A presença e contribuição de leigos e leigas nas equipes de formação traz uma riqueza original, pois, a partir de suas experiências e competências, eles oferecem critérios, conteúdos e testemunhos valiosos para aqueles que estão se formando. São capazes de levar aos formandos o confronto com a diversidade religiosa e o posicionamento a ser requerido. O decreto *Optatam Totius* (20) corrobora: “sejam também cuidadosamente informados da maneira de despertar e favorecer a ação apostólica dos leigos, e ainda de promover as várias e mais eficazes formas de apostolado”.

Sem dúvida que o estudo da teologia pastoral deve clarear a aplicação operativa, mediante a atenção a alguns serviços pastorais que os candidatos ao sacerdócio devem exercer, com a necessária gradualidade e em harmonia com os outros compromissos formativos:

trata-se de “experiências” pastorais que podem confluir num verdadeiro e autêntico “tirocínio pastoral” que se pode prolongar por algum tempo e exige ser observado de maneira metódica. Mas o estudo e a atividade pastoral remetem para uma fonte interior que a formação terá o cuidado de defender e valorizar: é a comunhão cada vez mais profunda com a caridade pastoral de Jesus, a qual, como constituiu o princípio e a força do seu agir salvífico, assim, graças à efusão do Espírito Santo no sacramento da Ordem, deve constituir o princípio e a força do ministério do presbítero (DV 57).

O modo de ser dialógico do ministro da Igreja contribuirá em grande escala para a operacionalização ecumênica. Elias Wolff afirma que

o horizonte teórico da formação ecumênica assume concretude tanto nas iniciativas pessoais quanto nas institucionais. No nível pessoal, a teoria ecumênica concretiza-se no modo como se realizam as experiências de

A formação para o diálogo dos ministros ordenados

aproximação e diálogo com os membros das outras tradições eclesiais e religiosas [...]. No nível institucional, o horizonte teórico da formação ecumênica concretiza-se no modo como as conferências episcopais, dioceses e paróquias organizam o serviço da unidade [...]. Os presbíteros não podem estar alheios à necessidade de um engajamento concreto nessas iniciativas de diálogo, contribuindo até para a sua criação. Tal engajamento está na base das convicções que expressam sua formação ecumênica (WOLFF, 2004, p. 34).

Deve-se insistir sobre esta perspectiva de grande relevância para a habilitação pastoral-missionária do formando, conforme as *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*: “as experiências pastorais estejam abertas ao diálogo e cooperação com projetos de evangelização desenvolvidos por outras igrejas e comunidades eclesiais [...]. Desse modo, ele pode estabelecer uma correta relação entre diálogo e missão, diálogo e anúncio” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2010, p. 149).

A formação pastoral-missionária, com sua devida reflexão, deve, pois, auxiliar o formando a promover o contato e diálogo com outras expressões religiosas da Igreja católica e com outras confissões religiosas, numa atitude ecumênica e de diálogo inter-religioso, e, a exercitar-se na inculturação e no diálogo com realidades emergentes.

É muito importante dar particular atenção à programação e escolha da prática pastoral dos formandos, na qual deverão contar sempre com o acompanhamento de seus formadores, pois o pastor é o primeiro discípulo-missionário e, por meio de seu ardor, deve motivar toda a comunidade a assumir a missão. A missionariedade é o ponto de conversão da pastoral de que nos fala o *Documento de Aparecida*: é preciso abandonar as “ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (Dap 365). Tornar-se um pastor-missionário é tão urgente quanto difícil. Sair de si e defrontar-se com um mundo diferente do seu causa desconforto e até ameaça a identidade, mas é preciso.

Durante o percurso formativo rumo ao sacerdócio ministerial, tendo em vista a formação integral do candidato, o seminarista é chamado a sair de si mesmo, abraçando o chamado ao sacerdócio sem excluir a busca sincera do diálogo, seja ele intraeclesial ou extra, como o ecumênico e o inter-religioso. Precisa desenvolver a cultura da proximidade, do encontro e do diálogo com as diversas realidades, inclusive e principalmente as religiosas.

Nesse ínterim, o presbítero deve ser formado para o diálogo com os ministros das igrejas e religiões, pois nesse diálogo, mesmo que não haja comunhão nos modos de agir, pode acontecer na sua motivação e finalidade. Desse modo, surgem dois desafios, de acordo com Elias Wolff:

1) reconhecer certos elementos comuns na motivação e finalidade do agir dos ministros das igrejas e religiões – sem isso o presbítero não conseguirá admitir algum valor na ação dos ministros religiosos que não pertencem à sua tradição de fé; 2) tolerância para que essa motivação e finalidade se expressem de diferentes formas, vinculadas às tradições próprias das igrejas e religiões (WOLFF, 2004, p. 64).

Na exortação apostólica pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes, *Pastores dabo vobis* (18), lê-se e enfatiza-se a necessidade do presbítero ser a pessoa do diálogo, ressaltando a urgência de primeirar os irmãos das outras Igrejas e confissões cristãs bem como os fiéis das outras religiões na dinâmica de um novo estilo de vida pastoral: “o presbítero deve ser, no relacionamento com todas as pessoas, o homem da missão e do diálogo. [...] Em primeiro lugar, com os irmãos das outras Igrejas e confissões cristãs; mas também com os fiéis das outras religiões; com os homens de boa vontade” (DV 18).

Nas *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023* (143), se discorre sobre a atual necessidade do “ide”, de modo particular aos presbíteros, líderes das comunidades, e aos que estão neste processo de formação:

Naquele “ide” de Jesus (Mt 28,19) estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja e, hoje, todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. [...] É o “ide” que, hoje, precisamos escutar de novo para, em atitude de missão, abrir a porta da misericórdia a todos os irmãos onde eles estiverem (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019, p. 75).

Isso, sem dúvidas, exige a disponibilidade para estabelecer um processo de escuta. Não se dialoga sem escutar o outro. Contudo, de acordo com Elias Wolff, o fato é que:

nesse contexto não poucos adotam atitudes que vão do fechamento e intolerância ao indiferentismo e ao relativismo [...] e mesmo que as lideranças eclesiais emitam orientações de caráter exortativo e doutrinal a favor do diálogo, ele é poucas vezes e em poucos ambientes uma realidade de fato. Então, um dos grandes desafios da Igreja está em integrar a necessidade do diálogo com as igrejas e religiões na formação de seus presbíteros (WOLFF, 2004, p. 5-6).

Um dos compromissos que emerge então é, de acordo com o papa Francisco, o diálogo como primeiríssima atitude a ser tomada:

É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho. Nesta pregação, sempre respeitosa e amável, o primeiro momento é um diálogo pessoal, no qual a outra pessoa se exprime e partilha as suas alegrias, as suas esperanças, as preocupações com os seus entes queridos e muitas coisas que enchem o coração. (EG 127-128).

Por fim, Cristo é o centro e a origem de toda vocação. Os candidatos ao sacerdócio são chamados desde o início de seu discipulado a se configurarem a Cristo Jesus, a serem um *alter Christus*. Logo, o processo formativo, com todas as suas dimensões num papel fundamental, deve ser constituído a partir da referência a Cristo, modelo e exemplo, por excelência, de sacerdote. A formação sacerdotal deve perpassar toda a vida do candidato fazendo com que ele

viva “segundo o ideal do Evangelho” (OT 8), pois todo aquele que é chamado ao exercício do ministério sacerdotal é chamado antes de tudo, a viver como um autêntico e verdadeiro cristão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem o rigor de uma definição, pode-se dizer que o diálogo é a interação entre duas ou mais partes: pessoas, grupos, culturas, religiões, povos. Não é uma proposta romântica de unidade, nem um ideal abstrato para palestras motivacionais. Não é ainda qualquer proposta de interação em que um dos lados do diálogo monopoliza ou silencia as outras partes, seja por preconceito, arrogância ou incapacidade de reconhecer que outros pensam diferente de si para ampliar, refinar ou mesmo confirmar o que sabe. O diálogo se instaura quando ocorre uma atitude de abertura e escuta do outro, do diferente; quando se reconhece o outro como sujeito portador de uma liberdade e dignidade fundamental; quando se vê o outro como ele é, ele é outro, essencialmente outro o que não eu; quando se prima pelas relações pessoais.

Esta realidade dialogal também deve estar presente na Igreja que, com os homens e as mulheres de todos os tempos, se faz atenta de modo a compreender as necessidades do coração de cada pessoa e contribuir para a realização do bem comum. A Igreja dialoga com o mundo porque está disposta a aprender com o mundo, um diálogo profícuo que a enriquece e edifica os cristãos.

Abrangendo as dimensões formativas: humana, espiritual, intelectual, e pastoral, a Igreja prepara o padre para ser no mundo homem de diálogo. O presbítero somente cumprirá sua missão de ponte e não de criador de obstáculos para o diálogo com o diferente, se desenvolver em sua caminhada vocacional, plena convicção de sua fé e missão, principalmente no que se refere ao relacionamento com as diferentes concepções religiosas. Conforme Wolff,

o presbítero convicto de seus princípios e motivações poderá ter maior segurança, e talvez até mesmo maior facilidade, para desenvolver atitudes de respeito, compreensão e diálogo para com os membros das diferentes tradições eclesiais e religiosas. Ele percebe maior clareza que não há o que temer ao se aproximar delas, conviver e colaborar em algum projeto (WOLFF, 2004, p. 49).

A pastoral é a ação concreta do diálogo e do serviço da Igreja no mundo onde encontra com Cristo no outro, como exorta o papa Francisco: “entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG 24).

Uma profunda convicção e vivência da fé cristã somente podem persistir se embasada no conhecimento de sua prática religiosa e também das outras manifestações de fé. Sem saber mais sobre o diferente, fica difícil praticar um diálogo sincero e verdadeiro. A conversão pastoral é consciência do lugar da Igreja na história e de sua missão de dialogar com cada época e lugar e, por meio desse diálogo, auscultar a palavra viva de Deus.

A Igreja se faz seguidora de Jesus Cristo ao sair de si mesma e voltar-se para fora: para o outro, para a cultura, para os pobres, para o mundo. Essa postura rompe com todo tipo de fechamento e estagnação dela em si mesma e constitui o primeiro passo da conversão pastoral, a partir do qual se pode pensar nas ações pastorais concretas, desde a mais íntima até a mais exterior ou avançada.

Eis o grande desafio dos presbíteros em se tratando de diálogo ecumênico e inter-religioso: fazer brotar da vida iniciativas que proporcionem à unidade. “Essa comunhão não acontece apenas com os membros da própria tradição de fé, mas com toda a humanidade e o cosmo, numa sintonia de sentido e finalidade da existência. As igrejas e religiões encontram seu espaço de comunhão nesse horizonte maior” (WOLFF, 2004, p. 56). O seminarista, diante da diversidade eclesial e religiosa, é chamado a incluir os princípios de relação e convívio, que ele assimilou no decurso da formação, na relação com as igrejas e religiões. O tempo de formação seja real preparação para uma vida centrada na comunhão.

Nesse ínterim, confeccionou-se um panorama das exigências fundamentais da Igreja católica para a formação para o diálogo dos ministros ordenados. O itinerário de vida do futuro sacerdote deve buscar metas irrenunciáveis as quais correspondem às exigências essenciais da identidade e missão dos presbíteros, ainda mais importante na atualidade, e que se apreendem nas diversas dimensões da formação. Destaca-se que esta formação deve ser permanente para construir um único caminho orgânico de vida cristã e sacerdotal. A vida em comunidade no seminário é o local mais adequado para interação destas dimensões. Cada uma interage simultaneamente no processo formativo e na vida dos ministros ordenados como exigência essencial do ministério. Tudo para dispor os seminaristas a terem os mesmos sentimentos de Cristo bom pastor.

Vocação é chamado e exige resposta. Na raiz, está o diálogo: Deus fala, a pessoa escuta. Os meios, divino e humanos, são eficazes. Por isso, a formação que proporciona o diálogo necessita ser um campo em reestruturação com determinada urgência, uma vez que desses seminários saem os presbíteros que orientarão as comunidades cristãs do amanhã. Afinal, a formação presbiteral precisa investir no conhecimento dos objetivos, métodos e finalidades do diálogo intereclesial e inter-religioso. O futuro presbítero precisa conhecer a sua própria tradição e da tradição do interlocutor, para fazer a passagem de uma teologia do diálogo para a prática do diálogo. ✨

REFERÊNCIAS

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Optatum totius*: sobre a formação sacerdotal. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 505-526.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Unitatis redintegratio**: sobre o ecumenismo. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

A formação para o diálogo dos ministros ordenados

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023.** Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.** Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação presbiteral: ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis.** Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium:** ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2015.

GEFFRÉ, Claude. **De Babel a Pentecostes:** ensaios de teologia inter-religiosa. São Paulo: Paulus, 2013.

IMODA, Franco. **Psicologia e mistério:** o desenvolvimento humano. São Paulo: Paulinas, 1996.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Ut unum sint:** sobre o empenho ecumênico. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica Pastores dabo vobis:** sobre a formação dos sacerdotes. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **A dimensão ecumênica na formação dos que trabalham no ministério pastoral.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e anúncio.** São Paulo: Paulinas, 1991.

SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. **A Igreja e as outras religiões:** diálogo e missão. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2018.

WOLFF, Elias. **Ministros do diálogo:** o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo: Paulus, 2004.

Recebido em: 30/05/2020.

Aceito em: 23/07/2020.